

Onde Andará Alegria?

Alegria é uma menina que faz amizade com um casal- vizinho e passa a ser uma fonte de renovação para os dois. Ela freqüente regularmente a residência do casal, aprecia a estante de livros, ouve histórias.

Porém um dia, Alegria tem de se mudar pois seu pai foi transferido para um país estrangeiro.

O texto trata da importância dessa amizade para o casal Théo e Lais e do sofrimento dos dois com a partida de Alegria.

Onde andará Alegria é uma fábula sobre as pequenas coisas que deixamos de ver, de sentir, de celebrar e das quais nós só nos damos conta quando as perdemos.

Autora:

Miriam Portela nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, mas vive em São Paulo há mais de vinte anos. É formada em jornalismo e durante muito tempo trabalhou em televisão, nas mais diversas funções. Foi repórter, apresentadora, chefe de reportagem, editora. Atualmente produz vídeos e documentários. Miriam começou a escrever quando criança. Tem publicado três livros de poesia. Seu primeiro texto infantil foi publicado pela Moderna: *Alguém muito especial*.

Editora Moderna

e-mail: imprensa@moderna.com.br

A crítica literária na *Província de São Pedro*

Elvo Clemente*

A revista *Província de São Pedro*, iniciativa heróica e humanística da Editora Globo S/A, pela pessoa de seu diretor Henrique Bertaso, teve a duração de doze anos, tendo produzido vinte e um fascículos com artigos representativos da atividade crítica literária, especialmente do Rio Grande do Sul.

O diretor artífice do periódico, Moysés Vellinho, esteve presente nos editoriais e em artigos de alto valor crítico e literário. Do editorial do fascículo I, em 1945, transcrevem-se os parágrafos que traçam o programa de trabalho, de estudo, de pesquisa e publicação da *Província de São Pedro*. Constatava o editorialista a situação cultural do Brasil, em suas dimensões continentais:

"Nestas condições, o provincianismo cultural deve ser mais que uma tendência entregue às suas próprias forças: impõe-se como o mais lúcido dos programas se querem chegar à ampla compreensão dos brasileiros entre si para a definitiva assimilação de uma terra de dimensões imperiais e que em grande parte ainda se pertence mais a si mesma que ao homem."

O editorialista acrescentava com grande lucidez:

"O que a *Província de São Pedro* deseja não é afogar-se nas águas rasas da retórica regionalista. Seu objeto é o de fomentar, no Rio Grande do Sul, as obras da inteligência, através do ensaio, da crítica, da ficção, da poesia, de todas as manifestações do pensamento. Sem impor limites à sua orientação nem sentido ideológico ao seu programa, *Província de São Pedro* pretende converter-se no centro de coleção, de seleção, estímulo e irradiação das atividades culturais que se processam neste extremo sul do país. Guardando-se dos perigos de um tradicionalismo estreito e das pieguices do saudosismo, terá sempre presentes, no entanto, os elementos fundamentais da tradição local, os autênticos valores do passado, porque acredita que a

* PUCRS.

preservação de certas fixações é indispensável à caracterização de uma cultura." (n. 1 p. 7)

É citado de maneira oportuna o *Jornal de Crítica*, 3ª série, de Alvaro Lins, articulista do *Correio da Manhã*:

"O escritor será tanto mais nacional quanto mais for um produto de sua região; será tanto mais espiritual quanto mais se alimentar da inspiração que vem da terra e dos seres ligados à terra... Tanto mais fiel um escritor permanecer ao espírito de sua província quanto mais se alarga a sua compreensão das outras províncias, do país e da humanidade" (Ibidem).

A Crítica Literária tem lugar privilegiado nos 21 fascículos da revista *Província de São Pedro* de 1945 a 1957. Os autores mais frequentes nas páginas de Crítica Literária são em sua quase totalidade do Rio Grande do Sul: Carlos Dante de Moraes, Mozart Victor Russomano, Manoelito de Ornellas, Moysés Vellinho, Telmo Vergara, Guilhermino César (mineiro, gaúcho por opção), Augusto Meyer, Wilson Chagas. Há outros rio-grandenses que aparecem uma vez, entre os quais podem ser citados: Lothar Francisco Hessel, Dyonélio Machado, Cyro Martins, Carlos Reverbel, João Pinto da Silva, Ernani Fornari, Natércia Freire e Álvaro Moreyra. Muitas dessas pessoas fizeram brilhante carreira em outros gêneros literários. Entre os críticos de outras terras aparecem: Eloy Pontes, Lúcia Miguel Pereira, Alfonso Reys (ilustre literato e embaixador do México no Brasil), Angelo Ricci (italiano, veio a Porto Alegre a convite da PUCRS e da UFRGS, em 1947), Aurélio Buarque de Holanda, Wilson Martins, Cecília Meireles e Josué Montello.

Como se pode observar o panorama é vasto e precioso em qualidde e origem de pessoas.

O intuito desta comunicação é dar a conhecer as várias correntes da crítica literária que se desenvolveram e se manifestaram nas páginas dos fascículos da *Província de São Pedro*. As características dos textos críticos do período compreendido entre os anos 1945 e 1957 se ressentem dos conflitos ideológicos surgidos no após-guerra. A análise dos textos vai proporcionar a evidência das linhas mestras da década em que esteve presente a revista *Província de São Pedro*.

Deve-se considerar a formação e a cultura dos escritores que fizeram as análises e críticas de obras literárias insertas nos fascículos da *Província de São Pedro*. Eram formados, em sua maioria, pela Faculdade de Direito. Houve alguns médicos e outros sem formação superior. Todos, porém, estudiosos da literatura em língua portuguesa, em língua francesa ou em língua inglesa. São leitores

apaixonados das obras literárias e atentos às oscilações das tendências da crítica literária. Dominam as idéias e orientações dos mestres franceses do fim do século, no embate dos pressupostos do movimento modernista além e aquém Atlântico.

O estilo dos novos escritores é trabalhado nos modelos queirosiano e machadiano. Nos cursos secundários e superiores daquela época, Eça de Queirós e Machado de Assis eram os clássicos junto com Joaquim Nabuco.

Alvaro Moreyra, em seu estro volúvel, satírico e humorista apresenta na crônica o panorama de uma geração que se apresenta ao público brasileiro nas décadas que antecederam o aparecimento da *Província de São Pedro*. Grupo de escritores, que presenciou, em grande número, a segunda guerra mundial de 1939 a 1945. Ao término desse conflito, surge a revista, após longa e afanosa meditação sobre a vida dos povos e sobre o comportamento humanístico das gerações. Numa crônica, publicada no fascículo VII, de 1946, na *Província de São Pedro*, caracterizou bem: "A nossa geração".

"Manuel Bandeira, por tudo, marca a idade da nossa geração. Uma geração justamente sem idade. Os registros de nascimento, que podíamos mostrar, a guerra rasgou todos em pedacinhos. A guerra, que foi na Europa, de 1914 a 1918, a reconstituição de um velho espetáculo adaptado aos tempos modernos por *metteurs en scène* de escola, e que, depois, continuou sendo, no resto do mundo, como na *Commedia dell'Arte*, uma improvisação delirante.

A nossa geração, que não teve infância nem juventude, vai ter, quem sabe? com um fim de mocidade, um começo de velhice."

Os cursos de Letras no Brasil começaram em 1934 na Universidade de São Paulo e na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Em Porto Alegre, os Cursos de Letras iniciaram em 1940, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; em 1942, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dos críticos que colaboraram com a revista *Província* somente Lothar Hessel, além de Angelo Ricci que frequentara o Curso de Magistério de Letras em Florença (Itália), fez o Curso de Letras, os outros haviam feito a Faculdade de Direito ou outro Curso Superior. Isto quer dizer que os conhecimentos sobre crítica e literatura haviam conseguido por seu próprio esforço e amor às letras. Todos autodidatas, todos leitores dos mestres franceses, ingleses, italianos, alemães ou americanos.

No fascículo I da PSP, Carlos Dante de Moraes faz amplo estudo crítico sob o título "Álvares de Azevedo e o Romantismo". No fascículo II, o crítico está presente com "Algumas reflexões sobre

Rimbaud". Assim se expressa sobre o fim da breve existência do poeta, na conclusão do artigo:

"A última esperança de vida se esvaíra da sua pobre alma exânime. O sobrenatural, que ele tentara forçar na adolescência, numa fase de louca audácia, agora se impunha tenebroso, já não havia modo de esquivá-lo. E as horas lhe decorrem num sonho contínuo em palavras ditas em voz doce e encantadora, que penetra o coração."

Em 1946, no fascículo III, Carlos Dante de Moraes aparece com um artigo breve sobre "O Eça das PROSAS BÁRBARAS". É interessante o estudo que faz sobre os rumos de dois expoentes da geração de 70 – Eça de Queirós e Antero de Quental – e, no fascículo IV, de 1946, apresenta "Raul de Leoni, poeta vespéral".

Carlos Dante de Moraes era um homem culto de vastas leituras e de grandes estudos das letras. O romance de Hermann Hesse teve grande divulgação e grande repercussão no meio intelectual da Província. No fascículo V, de 1946, consagra-lhe um artigo sob o título "Impressão do O LOBO DA ESTEPE".

O percurso crítico de Carlos Dante de Moraes aconteceu ao longo da publicação dos fascículos da revista *Província de São Pedro*. Ao tratar de Jackson de Figueiredo, instrospectivo e romancista, no fascículo VIII, de 1947, resume seu pensamento no final do artigo com as frases:

"Cabe-nos perguntar o que representaria tudo isso para ele, em face dessa preocupação renitente que visiona o *Aevum* para além da existência física como se fosse o seu maior legado espiritual [...]."

Veja-se no artigo "Raul Pompéia e o amor próprio", no fascículo XII, 1948, a posição filosófica do crítico Carlos Dante de Moraes:

"[...] quem quiser explicar a imensa variedade da conduta humana, não deve esquecer, ao lado de tantas teorias que trazem a marca médica ou psiquiátrica, a velha noção moral do amor próprio. De raízes instintivas, essa forma de estima fundamental adquiriu refinamentos no clima do cristianismo, que a antigüidade não conheceu" (p. 7).

No fascículo XIX, de 1954, Carlos Dante de Moraes estuda as "Condições Histórico-sociais da Literatura Rio-Grandense". Aqui nota-se certa mudança de comportamento do crítico que leu e estudou as teorias de Hipólito Taine e de outros franceses que participaram na crítica positivista. O panorama traçado de dois séculos de vida literária da Província é muito lúcido e positivo. Após deambular pelas principais obras das décadas literárias, conclui:

"As nossas raízes são muito fortes e mais cedo ou mais tarde voltamos a sentir a sua atração telúrica e moral. O caso de Érico Veríssimo, com os vigorosos romances do *O tempo e o vento* é bem ilustrativo. Uma das características do Rio Grande intelectual é a oscilação constante entre o localismo e a universalidade, entre a fixação à terra e a livre expansão da personalidade" (p. 18).

Carlos Dante de Moraes inaugurou o primeiro fascículo da Província, em 1945; em 1957, no último fascículo apresentou um longo artigo: "Variações sobre um poeta negro". Nas dezenove páginas do ensaio realiza uma crítica exemplar da vida, da obra e da repercussão da poesia de João da Cruz e Sousa. Apresenta, na primeira parte, "Cruz e Sousa e a raça negra", traçando-lhe a vida, a educação, o convívio social. Na segunda parte, lê-se "Cruz e Sousa e a mulher".

Carlos Dante de Moraes é o crítico por excelência em toda a vida da Revista de São Pedro. Seu método de análise e de crítica, era o mais em voga naqueles anos: valorizando a biografia, valorizando o momento histórico, valorizando o meio físico enquanto tudo isso colaborasse para o entendimento e a fruição do texto literário.

Moysés Vellinho, diretor da revista *Província de São Pedro*, esteve presente nos 21 fascículos com o editorial, com artigos e na seção "Livros e idéias". É notável seu texto sobre Eça de Queirós e o espírito de rebeldia, no fascículo V, 1946. Estudioso da obra queirosiana, faz a análise e a crítica das idéias estéticas e políticas dos romances daquele que fora rebelde e um dos líderes da *Questão Coimbrã*, sendo depois cônsul de Portugal, na Inglaterra, em Cuba e França.

Moysés Vellinho, no fascículo XVII, 1952, faz o quadro histórico-crítico da obra de João Pinto da Silva, referente à história da literatura do Rio Grande do Sul. Com uma frase pode-se aquilatar o valor intelectual do homem que foi tantos anos diretor da Biblioteca Pública do Estado: "A atividade crítica de João Pinto da Silva marcou época no Rio Grande do Sul e projetou seu nome largamente no cenário intelectual do país" (p. 80).

Guilhermino César é outro crítico que está sempre presente nos fascículos da revista *Província*, especialmente na parte dedicada a "Livros e idéias". Estudo interessante de Guilhermino César se processa sobre: "Época, merecimento e inteligência de ANTONIO CHIMANGO".

Guilhermino César empenha-se, outrossim, no debate da tese sobre "O criador do romance no Rio Grande do Sul", no fascículo XX, de 1955. A opção dele é pela *Divina pastora*, de Caldre Fião, que

abre caminho para o segundo romance *O Corsário*. Vale recordar a conclusão:

"Caldre Fião não chegou, assim, a influir decisivamente, como seria normal, até certo ponto e desejável, a ficção rio-grandense da segunda metade do século XIX. Esquecer-lhe a figura, no elenco dos precursores, é que não parece justo" (p. 13).

Mozart Victor Russomano dedicou dois extensos artigos à vida, à obra e à morte de Francisco Lobo da Costa, fascículos XV e XVII, respectivamente de 1951 e 52. Os textos apresentam traços da vida e da bibliografia do grande vate pelotense. Deduz fases da vida do ritmo e das metáforas dos poemas. São maneiras eruditas e cultas de analisar e de valorizar a produção poética. Veja-se, como exemplo, o parágrafo do fascículo XV:

"Ele amou no estilo de Álvares de Azevedo. Teve incompreensíveis estremecimentos de Casimiro nas fibras do coração. Cambaleou pelas ruas, embriagado como Fagundes Varela. Fez improvisado no meio do povo, qual Laurindo Rabelo. E como todos eles, compôs versos bons e versos ruins" (p. 27).

Com isso, o crítico coloca o poeta pelotense no rol dos maiores poetas românticos do Brasil.

Outra colaboração de Mozart Victor Russomano foi o estudo sobre "A vida silenciosa de Alfredo Ferreira Rodrigues", no fascículo XVIII, 1953.

João Pinto da Silva escreve importante artigo sobre Joaquim Caetano, nascido em Jaguarão, formado médico pela Universidade de Montpellier, exerceu fabulosa atividade como filólogo, historiador, geógrafo, pedagogo. Foi dos luminares da ciência e da cultura brasileira no século XIX.

Augusto Meyer, outro diretor da Biblioteca Pública que foi levado pelo Presidente Getúlio Vargas para a direção da Biblioteca Nacional, assinou alguns artigos de crítica literária na revista *Província de São Pedro*. No fascículo inaugural de 1945, comparece com "Simões Lopes Neto". Abre o artigo com uma frase saudosa: "Eu já tive a sorte de ler os Contos Gauchescos numa velha casa de estância, com as janelas abertas sobre os horizontes limpos da campanha" (p. 103). Oferece um estudo belíssimo sobre o *Cancioneiro gaúcho* em que explicita a admiração e valorização crítica do *Cancioneiro guasca*. No fascículo IV, esse crítico tece considerações interessantes e oportunas sobre *O tatu*, "o mais longo e sem dúvida o mais importante dos nossos cantos populares ligados ao fandango" (p. 58).

A grande Cecília Meireles comparece na revista *Província de São Pedro*, no fascículo VI, 1946, com excelente estudo sobre "Folclore guasca e açoriano". O estudioso mestre Lothar Francisco Hessel, no fascículo XXI, de 1957, apresenta um vigoroso e documentado estudo sobre "O romance indianista e regional de Heráclito".

Aurélio Buarque de Holanda presenteia o leitor de *Província* com um artigo sobre "Linguagem e estilo de Simões Lopes Neto". O artigo do grande lexicógrafo e crítico literário revelou a obra de Simões Lopes Neto aos leitores do Brasil.

O autor de *Os ratos*, Dyonélio Machado, apresenta no fascículo II, um artigo sobre "Fundamentos econômicos do regionalismo". É um texto de crítica literária sob o influxo do método sociológico-marxista, que valoriza o lado econômico dos autores e o momento histórico de sua existência.

Manoelito de Ornellas, estudioso de temas ibéricos e da origem dos povos da Península, no fascículo IV, de 1946, no décimo aniversário da morte de García Lorca apresenta "Alma e poesia da Espanha mutilada". No extenso artigo dedica ao tema vários aspectos que se sucedem: Hispânia; o poeta, o homem de teatro e o sonho da América.

Carlos Reverbel faz uma brilhante crônica sobre Rubens de Barcellos, no fascículo VII, de 1946. A vida do jovem promissor foi-se enriquecendo pelos estudos e pela cultura.

Angelo Ricci, professor de Língua e Literatura italianas, veio a Porto Alegre, a convite dos Cursos de Letras da PUCRS e da UFRGS em 1947. Era conhecido como grande intelectual, homem de sabedoria e de cultura profunda. No fascículo XIV, 1949, encontra-se um notável artigo sob o título "Um poeta da experiência", dedicado ao estudo e valorização crítica da poesia de Paulo Corrêa Lopes.

É hora de encerrar o passeio pela produção crítica estampada na revista *Província de São Pedro*. Nos doze anos de existência da Revista, encontra-se o acervo maravilhoso do vaivém dos movimentos da crítica. Algumas vezes, sustentada pela biografia, outras vezes amparada pelo momento histórico, vezes outras, repousando sobre posições filosóficas e metafísicas.

A crítica literária longe, ainda, dos embates dos métodos que vão surgir décadas depois com os cursos de pós-graduação em Letras, mantinha-se pura, naquela inocência movida e alimentada pela cultura e pela leitura consciente e profunda das pessoas que escreviam ensaios para os periódicos. Sempre leitura por amor das obras literárias, sempre expressão de carinho e de profunda simpatia pelos escritores e por seus textos.